



Instituto de Estudos
Econômicos e Internacionais

ENSAIOS DO IEEI

Número 27

**A CRESCENTE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM ZONAS DE CONFLITO: OMISSÃO E
PARALISIA**

MARÍLIA CAROLINA B. SOUZA PIMENTA

E

CAROLINA MALGUEIRO

São Paulo, junho de 2016



Instituto de Estudos
Econômicos e Internacionais

O Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais (IEEI-UNESP) é um centro multidisciplinar de análises e pesquisas sobre as questões econômicas e internacionais, congregando especialistas de diversas áreas para promover e enriquecer o debate dessas questões, produzir e divulgar trabalhos e promover parcerias com entidades públicas e privadas nas diversas atividades pertinentes ao seu objeto de atuação.

URL: <http://www.ieei-unesp.com.br>

ENSAIOS DO IEEI

Publicação que objetiva divulgar os resultados dos estudos realizados no Instituto de Estudos Econômicos e Internacionais.

Conselho Editorial

Andrés Serbin (CRIES/Argentina)
Carlos E. Lins da Silva (IEEI-UNESP)
Carlos Oliva Campos (UH/Cuba)
Clodoaldo Bueno (IEEI-UNESP)
Gary Prevost (Stjohns/EUA)
Harry Vanden (USF/EUA)
Lenina Pomeranz (USP e IEEI-UNESP)
Luis Fernando Ayerbe (IEEI-UNESP)
Marcos Cordeiro (IEEI-UNESP)
Marta Loza (UDG/México)
Sandra Colombo (UNICEN/Argentina)
Tullo Vigevani (IEEI-UNESP)

As opiniões divulgadas nesta publicação são de inteira responsabilidade de seu(s) autor(es).

É permitida a reprodução, desde que seja citada a fonte.

ISSN 2176-8773

ENSAIOS DO IEEI

Número 27

**A CRESCENTE VIOLÊNCIA DE GÊNERO EM ZONAS DE CONFLITO: OMISSÃO E
PARALISIA**

MARÍLIA CAROLINA B. SOUZA PIMENTA¹

E

CAROLINA MALGUEIRO²

¹ Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Relações Internacionais PUC, UNICAMP e UNESP San Tiago Dantas, Pesquisadora do NUPRI-USP e do IEEI-UNESP, Professora de Relações Internacionais na Universidade Anhembi Morumbi e Centro Universitário FECAP.

² Aluna de graduação em Relações Internacionais no Centro Universitário FECAP.

ÍNDICE

Introdução.....	5
Possíveis motivações para a escalada da violência sexual em tais regiões.....	7
Considerações finais	14
Referencias bibliográficas.....	15

Resumo

O presente artigo busca fazer uma análise de conjuntura sobre a crescente violência sexual contra mulheres e crianças em zonas de conflito, especialmente na Síria e na Nigéria, perpetrada, sobretudo pelo Estado Islâmico e pelo Boko Haram, respectivamente. A partir de uma análise dos principais relatórios divulgados sobre o tema por organizações não governamentais e organizações internacionais, percebe-se que a agenda e os esforços para combater tais práticas são ainda incipientes.

Introdução

O aumento da violência sexual de gênero em zonas de conflitos nas regiões do Oriente Médio e África se agravou com a expansão dos grupos extremistas usando essas práticas como armas de guerra. Segundo dados da ONU, cerca de 133 milhões de mulheres e meninas já foram submetidas à mutilação genital na África e apenas entre 2014 e 2015, mais de 1500 mulheres foram submetidas à escravidão sexual somente no Iraque. Os abusos vão muito além de tais práticas, e se tornam recorrentes sob a forma de estupros, tráfico e venda de pessoas para fins comerciais, casamentos forçados e sequestros.

As práticas de violência sexual por gênero de jovens, mulheres e crianças são mais intensas nessas áreas, pois, sem a presença legítima de governos democráticos oferecendo seus princípios básicos, e principalmente o preparo das forças de segurança para manter um ambiente estável e seguro para a população, a justiça para as vítimas desse abuso torna-se cada vez mais longínqua. As consequências das práticas da violência sexual em suas vítimas são diversas, desde traumas psicológicos, ferimentos internos, transmissões de doenças contraídas sexualmente, como HIV e AIDS, sequelas graves, ou até mesmo a morte.

Mesmo com a ajuda estrangeira, e com a comunidade internacional assumindo que o problema faz parte dos chamados crimes de guerra e infrações graves aos direitos humanos, as comissões, as cúpulas e os referendos para discutir o problema ainda parecem ter um caráter incipiente, porém, de extrema importância para que ações conjuntas entre organizações internacionais e Estados comecem a traçar medidas para a

solução do problema e tragam justiça para as vítimas da violência sexual, e não só isso, mas que também reinsiram as mesmas na sociedade com todos os seus direitos legais.

Assim, a necessidade de haver maior presença do Estado de direito nessas regiões, com governança efetiva, levando os princípios básicos como segurança e saúde para as vítimas e para a população no geral, torna-se extremamente relevante na luta contra a violência sexual.

A presente análise tem como objetivo identificar os motivos pelos quais a violência sexual de gênero em zonas de conflitos, precisamente nas regiões do Oriente Médio e África, tem aumentado e por que a expansão de grupos extremistas, tais como o Estado Islâmico e o Boko Haram, agravou ainda mais o problema, ao usarem esse tipo de violência como armas de guerra nessas regiões.

A tática do estupro usada como arma de guerra vai além do ato em si. Além de coagir as vítimas e aterrorizar a população, o método acabou se tornando estratégia de negócios, criando comércio e tirando vantagens do mesmo para o financiamento desses grupos. Outras atividades envolvendo esse ato de violência sexual incluem o tráfico, a venda, os sequestros de pessoas, a escravidão sexual, o recrutamento e casamentos forçados, como atividades inseridas em combates entre grupos.

Zonas de conflito potencializam o aumento da violência sexual pelo fato de serem ambientes que propiciam e facilitam tais atos, pois muitas vezes não há a presença do Estado nessas regiões, mas sim, governos ditatoriais e/ou corruptos, provendo a desigualdade social e econômica em seu território, resultando na pobreza, muitas vezes extrema, o que atinge a população e acarreta problemas como a fome, sistemas de saúde falhos e a ausência de educação, fatores fundamentais para uma sociedade livre de violência sexual.

A ascensão dos grupos nas zonas de conflito resultou, conseqüentemente, no aumento da violência sexual, o que chamou a atenção da comunidade internacional e de organizações internacionais. A agenda em torno da violência sexual de gênero é algo recente na comunidade internacional, e se insere como um novo discurso nos direitos da mulher, além da igualdade política, social e econômica, e se torna mais robusta no início

dos anos 90, justamente pelo aumento no número de vítimas de tais abusos que têm sido mais relatados globalmente.

Com isso, três documentos são importantes para essa análise: a “Comissão sobre o Status da Mulher” (Relatório feito pelo SIMUNA, 2015); a “Declaração de Prevenção Contra a Violência Sexual em Conflitos” (G8, 2013); e o relatório sobre a “Cúpula Global para o Fim da Violência Sexual em Conflito” (UK Government, 2014b). Todos redigidos, praticamente, com o mesmo objetivo: unir entes governamentais, de organizações internacionais e da própria comunidade internacional em prol da erradicação desse problema, com ações conjuntas e doações para soluções eficientes, e todos explicitam que tais esforços para garantir resultados positivos só irão acontecer com a colaboração efetiva entre os mesmos.

Mesmo com o empenho da comunidade internacional e das organizações internacionais, o problema parece estar longe de chegar ao fim. A ajuda internacional é ainda insuficiente: os interesses que se envolvem nessa prática, seja de caráter comercial ou geopolítico, em zonas de conflito, são maiores do que o zelo pelas vítimas, ou pela população em geral.

Além da efetiva participação dos Estados na resolução deste crítico cenário, o conhecimento dos princípios básicos e dos direitos por parte da população civil são pontos importantes para acabar, de maneira gradativa, com o problema, e entre esses princípios, dois são identificados como primordiais e de extrema importância na luta contra a violência sexual: a **segurança** e a **educação**, fatores que impulsionam na luta por justiça em causas como a violência sexual.

Possíveis motivações para a escalada da violência sexual em tais regiões

Nos últimos anos, a violência sexual contra mulheres e crianças aumentou drasticamente em algumas regiões do Oriente Médio e da África, regiões nas quais as ações de grupos extremistas se intensificaram. Grupos como o Estado Islâmico (EI), baseados em regiões do Oriente Médio, estão usando o estupro como arma de guerra, assim como o Boko Haram, baseados na Nigéria, África.

No relatório feito pelo Secretário Geral da ONU, Ban Ki-Moon, em 2015, sobre a real situação da violência sexual de gênero em zonas de conflito, sinalizou-se o aumento de estupros sendo usados como arma de guerra nessas regiões, classificando que mulheres e crianças estão entre as maiores vítimas, além dos homossexuais. Entre 2014 e 2015, mais de 1500 mulheres foram submetidas à escravidão sexual somente no Iraque, e meninas e mulheres com idades entre 8 a 35 anos, de maioria étnica yazidi cristã, são as maiores vítimas na região do Oriente Médio.

Como já se afirmou, a tática do estupro usada como arma de guerra vai muito além do ato em si. Além de coagir as vítimas e aterrorizar a população, o método acabou se tornando estratégia de negócios, receita e barganha para o financiamento desses grupos. Além de tal atividade, outras formas de violência sexual envolvem o tráfico sexual; venda e sequestros de pessoas; escravidão sexual e casamentos forçados com combatentes dessas organizações.

Não bastassem esses fatores, os grupos estão usando a violência sexual para potencializar sua força, demonstrando sua capacidade de exercer poder e como estão consolidando sua influência nessas regiões. Ideologias que utilizam a religião, de forma distorcida, como meio para atingir seus fins, levando milhares de pessoas a saírem dessas áreas, sob o status de refugiados. Aqueles que permanecem nessas regiões e que não seguem os ideais pregados por esses grupos estão propensos a sofrer com a violência e a ideologia.

Relatos de jovens reforçam a crueldade de combatentes do Estado Islâmico. Como exemplo, uma garota yazidi relata em um relatório do Human Rights Watch um dos abusos que sofreu enquanto foi prisioneira do Estado Islâmico:³ “Ele disse que ao me estuprar, ele estaria desenhando mais próximo de Deus” (HRW, 2015, tradução nossa).

O tráfico de mulheres e jovens também é uma das formas de violência sexual mais utilizada pelo Estado Islâmico, com o pretexto de “satisfazer” soldados das tropas e fazer negócios comerciais em mercados ilícitos de pessoas, bem como os sequestros de crianças, jovens e mulheres. Os sequestros não são táticas usadas exclusivamente pelo EI, mas também pelo Boko Haram, que em 2014 sequestrou 276 meninas em uma

³ Do original: “He said that by raping me, he is drawing closer to God”.

escola no vilarejo de Chibok, estado de Borno na Nigéria, no qual poucas meninas conseguiram escapar e a maioria ainda continua desaparecida. Muitas dessas jovens foram submetidas à escravidão sexual, ao tráfico e ao casamento forçado.

A escravidão sexual de crianças, jovens e mulheres é um dos aspectos mais salientes nas táticas extremistas dos grupos, na qual as vítimas estão submetidas a apenas “obedecerem à vontade do criador” servindo a seus combatentes. Os casamentos forçados nesses grupos podem ser vistos como uma maneira alternativa para acabar com os estupros coletivos dessas jovens e mulheres entre vários soldados do grupo, porém, os abusos e violências sexuais não acabam com tal alternativa e não diminuem os riscos de morte das mesmas. Para os membros do grupo, o casamento forçado com essas jovens e mulheres tem apenas um objetivo: atender a “suas necessidades sexuais” quando lhes convêm.

Tais atos de violência sexual, infelizmente, não se relacionam somente a esses agrupamentos extremistas em zonas de conflito. Tropas de segurança, tanto do governo dessas áreas como também de organizações internacionais, muitas vezes também cometem atos de violência e abusos contra os civis, sendo as maiores vítimas, como dito anteriormente, crianças, jovens e mulheres. Ao invés de cumprirem o dever de proteger a população, essas forças de segurança cometem estupros e abusos contra a mesma. Na Nigéria, as forças de segurança usam a chantagem em “troca de favores”, favores sexuais em sua maioria, para “proteger” os civis. Já na Síria, tropas pró-governo Assad, além do estupro, promovem torturas sexuais nas prisões do país.

Até mesmo no relatório da Human Rights Watch, de 2015, há relatos apontando que missões de paz com os *peacekeepers* (ou capacetes azuis) da ONU também cometeram tais abusos, como o estupro e até mesmo a promoção da prostituição de jovens e mulheres, não somente nas áreas de conflitos, mas, também, nos arredores de campos de refugiados em regiões da África.

Atualmente, segundo a ONU, há 13 grupos extremistas que usam a violência sexual em suas ações, porém, os grupos que mais estão se destacando com tal prática, sendo a principal o estupro usado como arma de guerra, no contexto internacional atual são o Estado Islâmico e o Boko Haram. Não são grupos de origem recente, pelo contrário, ambos surgiram no início dos anos 2000.

O Boko Haram surgiu de uma seita criada em 2002, e o nome significa "a educação ocidental é pecaminosa" em hausa, a língua mais falada no norte da Nigéria. Atualmente Abubakar Shekau é o líder do grupo, que no início tinha como objetivo se contrapor ao governo local para instaurar as leis do islã no país, mas ao longo do tempo, a ideologia seria a disseminação do terror na população local. Atualmente, o grupo é responsável por inúmeras mortes, sequestros e pelo deslocamento de pessoas para outros países e para campos de refugiados na África.

Logo após a vinda das tropas americanas ao Iraque, em 2006, a Al Qaeda criou o Estado Islâmico como parte de sua composição. Já em 2010, O Estado Islâmico se tornou independente, conquistando novos territórios no Iraque. O aumento das atividades e dos territórios conquistados pelo grupo se intensificou com a saída das tropas americana do Iraque e com o comando de Abu Bakral-Baghdadi. A guerra civil na Síria, em 2012, proporcionou a maior expansão para outros territórios, levando sua ideologia de terror para áreas que já sofrem com conflitos internos e com a pobreza, assim como em regiões da África.

Em paralelo com a Al Qaeda, a violência sexual pregada pelo Estado Islâmico também é aplicada como arma de guerra, visando os negócios, bem como o Boko Haram. A Al Qaeda ainda dissemina a violência sexual, assim como outros grupos extremistas, destacando-se também o Al-Shabab, que atua na Somália, chifre da África, e tem ligação com a Al Qaeda, com o objetivo de propagar o "islã" nessa região. E por essas ideologias, suas consequências, quanto à violência sexual, são as mesmas: crianças, jovens e mulheres que vivem nessas áreas de conflito, que não seguem o extremismo religioso ou até mesmo só pelo fato de seguirem outras religiões, tornam-se as maiores vítimas, condenadas às atrocidades e aos abusos envolvidos nesses atos.

A falta de um Estado de direito ou mesmo de um governo democrático (como no caso da Síria) influencia de forma visível a dimensão dos problemas gerados em ambientes de conflito. Um exemplo notável foi a Síria com a guerra civil que se instaurou no país por conta do mandato de longa data do ditador Bashar al-Assad. A consequência disso é a falta de segurança (sobretudo em sua dimensão humana), tanto da população quanto do território, abrindo espaços para grupos extremistas ocuparem essas áreas a fim de legitimar seus ideais do terror contra a população, como a violência

sexual. Além disso, governos corruptos também proporcionam um ambiente de desigualdade social e econômica em seu território, resultando na pobreza, muitas vezes extrema, atingindo a população, tornando-a mais vulnerável à violência sexual.

Tais fatores remetem à verdadeira situação dos países nas regiões do Oriente Médio e África, nos quais a população se vê no centro de conflitos que envolvem a presença de grupos extremistas; governos ditatoriais e corruptos; *gangs* ou mesmo forças de segurança despreparadas para lidar com problemas como estupros, tráfico de pessoas e escravidão sexual, por exemplo, e, podem, até mesmo, piorar tais cenários.

Muitas vezes, a ajuda internacional de organizações e ONGs nessas áreas, por falta de segurança proporcionada nesses ambientes, fica cada vez mais escassa e difícil de ser levada, tendo assim, zonas “sem leis”, com desrespeitos sistemáticos aos princípios básicos dos direitos humanos.

Em uma resolução do Conselho de Segurança da ONU em 2013 (ONU, 2013) que contém ações para aumentar as responsabilidades dos 46 estados membros da ONU quanto à questão da violência sexual em conflito, todos os estados membros reafirmaram que o estupro e a violência sexual em conflitos armados são crimes e constituem graves violações às leis internacionais das Convenções de Genebra.

Sabe-se que muitas dessas vítimas tentam suicídio como uma forma de acabar com seu sofrimento ou por não serem novamente aceitas em sua sociedade de origem, até mesmo por seus próprios familiares. Na religião islâmica, muitas vezes as meninas são criadas para se casarem e constituírem família, sendo assim, as vítimas de violência sexual de gênero feminino estão expostas à humilhação e até mesmo a linchamentos e apedrejamentos quando conseguem se livrar dos abusos.

Outro fator importante para justificar a rápida propagação desses problemas é o uso de mídias sociais e de meios de comunicação por parte dos grupos extremistas. Por esses meios, os radicais propagam seus ideais para atrair novos seguidores e induzir mulheres e jovens a fazerem parte do grupo, com falsas promessas de ganhar dinheiro e moradia, chamando-as, na verdade, para casamentos forçados.

Sabe-se que a abordagem do tema violência sexual de gênero é algo recente na comunidade internacional, e se insere de forma mais consistente na agenda internacional

a partir da década de 90, justamente pelo aumento no número de vítimas de tais abusos surgindo globalmente.

Em 1993, a Assembleia Geral da ONU aprovou a “Declaração Sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher” (Resolution48/104), legislando a questão da violência sexual de gênero, condenando seus atos e incitando ações para a eliminação do problema, independentemente de costumes ou tradições religiosas. A declaração demonstra o reconhecimento internacional de que a violência de gênero é uma violação dos direitos humanos. Além disso, a “Comissão sobre o Status da Mulher”, instância das Nações Unidas, criada pelo Conselho Econômico e Social da ONU (ECOSOC) em 1946 para afirmar os direitos básicos de igualdade de gênero para a mulher, instituiu em 1995, a partir da “4ª Conferência Mundial sobre a Mulher”, a Conferência de Beijing, posicionando a violência contra a mulher como uma das 12 esferas de especial preocupação que exigem a atenção especial e a adoção de medidas por parte dos governos, da comunidade internacional e da sociedade civil.

Mesmo com tais ações, não houve queda nos índices de violência sexual nas décadas seguintes, ocasionando em outros esforços internacionais. Em 2013, o G8 promoveu a “Declaração de Prevenção Contra a Violência Sexual em Conflitos”, reforçando a importância em promover prevenções e resoluções para mulheres e crianças em zonas de conflito, por parte dos Estados e das organizações internacionais multilaterais:

Eles se comprometeram a apoiar o envio de *experts* internacionais em situações de preocupação específica no que se refere à violência sexual em zonas de conflito, seja atendendo a um pedido do governo local, da ONU ou de organizações internacionais, a fim de construir uma capacidade jurídica, legal, criminal e investigativa para aumentar o número de tais criminosos levados à Justiça (G8, 2003, tradução nossa)

Seguindo os ideais do G8, a “Cúpula Global para o Fim da Violência Sexual em Conflito” (UK Government, 2014b) reuniu várias figuras políticas de diversos países e representantes de organizações internacionais com a intenção de unir todos os que estavam presentes na cúpula em prol da erradicação desse problema, com ações conjuntas e doações para soluções eficientes, deixando claro que tais esforços para

garantir resultados positivos só irão acontecer com a colaboração efetiva entre os mesmos. O principal objetivo da cúpula era apresentar a criação do primeiro Protocolo Internacional para a Documentação e Investigação de Violência Sexual em Conflito em face da junção desses entes, com planos de ação contra o problema.

O momento atual pede ações firmes e, para nós, a violência sexual no conflito se encontra na linha de frente. Precisamos impulsionar essa agenda para garantir uma mudança real nas vidas dos sobreviventes que presenciaram de perto o horror da violência sexual no conflito. (UK Government, 2014b).

Outras convenções para a discussão do problema foram feitas desde a expansão dos grupos extremistas, em 2010, para gerar esforços no combate contra o avanço da violência sexual em zonas de conflito. Porém, de tempos em tempos, novos obstáculos surgem para todos os atores envolvidos nesse problema.

O aumento do *know-how* dos grupos extremistas dificulta cada vez mais a luta contra o problema. A lavagem cerebral que os mesmos fazem para recrutar seus exércitos ficou ainda mais fácil com a disseminação pelas mídias sociais e com a globalização. A abertura para a expansão desses extremistas está cada vez mais ampla nos dias de hoje. E quanto mais isso se propaga, menos chances as crianças, jovens e mulheres têm para se livrarem da violência sexual em suas diferentes formas.

Por conta disso, a segurança pode dar esperanças às vítimas de violência sexual, e muito mais que isso, a educação de crianças, jovens e mulheres é uma das armas mais importantes na luta contra esse problema, fator que também foi reforçado em todas as convenções e cúpulas descritas anteriormente. A educação para meninas e jovens leva ao conhecimento dos seus direitos e, conseqüentemente, a lutar pelos mesmos.

O empoderamento feminino é um importante fator para combater a desigualdade de gênero e, também, a violência sexual. A ONU ressalta que a participação feminina precisa ser aprofundada nos processos de paz, juntamente com a promoção de mulheres a cargos de lideranças em regiões divididas, entendendo que a preservação da paz envolve necessariamente o compartilhamento do poder, e que as mulheres no poder facilitam a construção de sociedades mais democráticas e estáveis.

E como já fora reforçado anteriormente, além do fato de que a presença de Estados trabalhando em conjunto para combater o problema também seja importante, seriam governos democráticos os que melhor promoveriam esse *status* para a mulher, e não somente isso, mas também favoreceriam a secularização dessas regiões, o que restringiria a propagação dos grupos extremistas e sensibilizaria mais a sociedade em torno do apoio e da justiça para as vítimas da violência sexual.

Considerações finais

A violência sexual de gênero em zonas de conflito está a cada ano aumentando em níveis alarmantes em razão da expansão de grupos terroristas nas regiões do Oriente Médio e África, propagando esses atos como arma de guerra. Além disso, a atual facilidade para que essa expansão aconteça tem sido cada vez mais acessível para os extremistas.

Como a maioria desses conflitos envolve ideologias e interesses, sejam de caráter econômico ou geopolítico, esses problemas tendem a continuar ocorrendo nessas áreas. Mesmo com a ajuda internacional, e com a comunidade internacional assumindo que o problema faz parte de crimes de guerra e infrações graves aos direitos humanos, as comissões, cúpulas e referendos para discutir a situação ainda parecem ter um caráter incipiente, embora sejam cruciais para que ações conjuntas entre organizações internacionais e Estados comecem a tomar medidas efetivas e tragam justiça para as vítimas de violência sexual; não só isso, mas também reinsira as mesmas na sociedade com todos os seus direitos legais.

Sendo assim, cabe à comunidade internacional, ao reconhecer a incapacidade de governos locais, ou mesmo sua conivência, reforçar os princípios básicos e os direitos para a população civil. Entretanto, a partir da análise dos relatórios e diagnósticos das zonas de conflito, a agenda internacional não parece buscar intensificar sua preocupação com um tema latente e de extrema importância quanto a reiterada violência de gênero em tais regiões.

Referências bibliográficas

- ANISTIA INTERNACIONAL. O Estado dos Direitos Humanos no Mundo. Informe 2014/2015. Disponível em: <<https://anistia.org.br/wp-content/uploads/2015/02/Informe-2014-2015-O-Estado-dos-Direitos-Humanos-no-Mundo.pdf>>
- ESTADO Islâmico e Boko Haram usam estupro como tática de guerra, diz ONU. *O Globo*, Rio de Janeiro, 13 abr. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/mundo/estado-islamico-boko-haram-usam-estupro-como-tatica-de-guerra-diz-onu-15863936#ixzz47ir0WtnA>>.
- HUMAN RIGHTS WATCH. Iraq: ISIS Escapees Describe Systematic Rape. Nova York, 14 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.hrw.org/news/2015/04/14/iraq-isis-escapees-describe-systematic-rape>>.
- G-8. The G8 Declaration on Preventing Sexual Violence in Conflict. Londres, 11 abr. 2013. Disponível em: <http://www.mofa.go.jp/mofaj/gaiko/files/g8fmm2013_03.pdf>. Acesso: 13 abr. 2016.
- ONU. Sessão Extraordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas: Mulher 2000: Igualdade entre os Sexos, Desenvolvimento e Paz no Século XXI. Nova York 5-9 jun. 2000. Disponível em: <<https://www.unric.org/html/portuguese/ecosoc/women/violencia.pdf>>.
- _____. Security Council. Resolution 2106, 2013. Disponível em: <http://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/s_res_2106.pdf>.
- _____. Security Council. Conflict-related Sexual Violence, Report of the Secretary-General, 2015. Disponível em: <http://www.securitycouncilreport.org/atf/cf/%7B65BFCF9B-6D27-4E9C-8CD3-CF6E4FF96FF9%7D/s_2015_203.pdf>
- PARA o ISIS, o estupro é uma estratégia de combate. *Revista Vírus*, Rio de Janeiro, 21 dez. 2014. Disponível em: <<http://www.virusplanetario.net/estupro-estrategia-combate/#ixzz47iqdgHb7>>.
- PORTAL DAS NAÇÕES UNIDAS. Em cúpula global, ONU pede reparações para vítimas de violência sexual em zonas de conflito. [S.l.], 13 jun. 2014. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/em-cupula-global-onu-pede-reparacoes-para-vitimas-de-violencia-sexual-em-zonas-de-conflito/>>.

_____. ONU revela novas alegações de abuso sexual por capacetes-azuis na República Centro-Africana. [S.l.], 19 ago. 2015. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org/onu-revela-novas-alegacoes-de-abuso-sexual-por-capacetes-azuis-na-republica-centro-africana/>>.

QUARTA CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE AS MULHERES, 1995, Pequim: *Declaração e Plataforma de Ação da IV Conferência Mundial Sobre a Mulher*. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/declaracao_beijing.pdf>

SIMUNA, Comissão sobre o Status da Mulher, 2015. Disponível em: <<https://www.nacionalnet.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Guia-de-Estudos-CSW-A-escalada-da-viol%C3%Aancia-de-g%C3%AAnero-contracrian%C3%A7as-e-mulheres.pdf>> Acesso: 03 abr. 2016.

UK GOVERNMENT. The Declaration of Commitment to End Sexual Violence in Conflict, 2013. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/274724/A_DECLARATION_OF_COMMITMENT_TO_END_SEXUAL_VIOLENCE_IN_CONFLICT.pdf>

_____. International Protocol on the Documentation and Investigation of Sexual Violence in Conflict, 2014a. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/319054/P_SVI_protocol_web.pdf>.

_____. *Summit Report: End Sexual Violence in Conflict*, Global Summit. London, 2014b. Disponível em: <https://www.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/390742/P_SVI_post_summit_report_Online2.pdf>. Acesso: 12 abr. 2016.

ÚLTIMO SEGUNDO. Mulheres na Somália enfrentam a dor de ser um espólio de guerra, 2012. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/nyt/mulheres-na-somalia-enfrentam-a-dor-de-ser-um-espolio-de-guerra/n1597506707289.html>>.

UN NEWS CENTER. ‘Barbaric’ sexual violence perpetrated by Islamic State militants in Iraq – UN, 2014. Disponível em: <<http://www.un.org/apps/news/story.asp?NewsID=48477#.VypfGdIrIdV>>

VERILY. Think Reports Of How ISIS Treats Women Are Too Awful To Be True?

ThinkAgain, 2015. Disponível em: <<http://verilymag.com/2015/10/women-children-girls-isis-yazidis-sunni-slavery-sexual-violence-syria-iraq>>.

WAR ON WOMEN: Time for Action to End Sexual Violence in Conflict. *Report*, 2011:

Disponível em: <<http://nobelwomensinitiative.org/wp-content/uploads/2011/07/war-on-women-web.pdf>>